

COLARES LITERATURA

Charles  
BAUDELAIRE



A Fanfarlo



COLARES LITERATURA

Charles  
BAUDELAIRE



A Fanfarlo

*Título:* A Fanfarlo  
*Autor:* Charles Baudelaire  
*Colecção:* Colares Literatura  
*Tradução:* António Gonçalves  
*Direcção Gráfica e Capa:* João Pedro Cochofel  
*Fotocomposição:* Colares Artes Gráficas  
*Impressão:* Gráfica Monumental, Lda  
*Depósito Legal* n.º 76.805/94  
ISBN 972-8099-23-1

colares editora

© Apartado 2048 2710 Colares / Sintra / Portugal  
TELEF. 923 34 58

colares editora



## NOTA INTRODUTÓRIA

*Paul Valéry, apesar da sua clarividência, talvez se tenha enganado no seu diagnóstico acerca da personalidade de Baudelaire. Disse ele que o poeta foi a resultante de um esforço hercúleo para se distinguir de outros grandes poetas, que os acasos da história reuniram na mesma época: Hugo, Lamartine e Musset. O facto é que de todos eles só resta Baudelaire, pois que Vítor Hugo continua a ser lido, mas como grande prosador.*

*Viveu 46 anos. Nasceu em Paris, em 1821, numa família burguesa, abastada e de moral austera. Contemporâneo, pois, das revoluções liberais europeias, e no caso português, de Garrett, de Castilho e de Herculano. Estudou em Lyon, como o seu herói da Fanfarlo, e veio, posteriormente a estudar no colégio Luis-o-Grande, de Paris.*

*Aos 18 anos, integrou-se na boémia parisiense. Iniciou, então, um género de vida, do qual, na realidade, nunca mais se afastou. A sua prática de mulheres, o uso do ópio e do haxixe, os seus hábitos de grande gastador, deram pretexto à família para o interditar, passando, desde então, a viver de uma renda modesta. Antes, e como*



era costume na época para acalmar naturezas jovens e fogosas, a família embarca-o para uma viagem à Índia, aonde nunca abordou, apesar das referências a uma Índia e a uma Arábia míticas nunca mais terem abandonado os seus escritos.

Para sobreviver, e mesmo se afectivamente se fixa em Jeanne Duval, de que só em 1862 se vem a separar, passa a viver de traduções, e de crítica literária e teatral. Dos 18 aos 31 anos, escreve *A Fanfarlo*; *O Vinho e o Haxixe Comparados*, como *Meios de Multiplicação da Individualidade*; *Conselhos aos Jovens Escritores*, entre outros. Participa na Revolução de 1848.

Com 31 anos, encontra Mme Sabatier, a quem qualificou de musa, de mãe, e de anjo protector, afastando-se provisoriamente de Jeanne Duval. Poderia dizer-se que esta não era mulher para ele, mas aquela não pôde acompanhar o poeta para quem a vida foi assumidamente uma forma de experimentação do viver. Retomou, pois, em termos de convivência social, o ciclo descendente da sua vida, com dívidas que se acumulavam, processos vários, doença e drogas. É a partir de então que se lança nas traduções de Poe, nomeadamente, *O Corvo*, *As Histórias Extraor-*

*dinárias*, *As Novas Histórias Extraordinárias*, *Aventuras de Arthur Gordon Pym*, escreve ensaios sobre este escritor fantástico americano, e publica *As Flores do Mal* e *Os Paraísos Artificiais*.

Com 41 anos, ainda escreve *Spleen de Paris* e *Notas Sobre a Arte Filosófica*. Separa-se de Jeanne Duval e, cinco anos mais tarde, em 31 de Agosto de 1867, morre só, após um processo de degradação física imparável.

Os textos que nos deixou não são, no entanto, autobiográficos. Toda a sua vida é o trajecto de uma procura experimental: compreender o romantismo, nas suas fragilidades e procurar as vias de ultrapassagem desse ponto de vista filosófico, estético, literário e sentimental. Contrariamente ao romantismo que postulava uma certa forma de entrega, quase inconsciente, ao fluido da natureza, como mãe e musa acolhedoras, Baudelaire procurou uma agudização da consciência dos processos estéticos, e dos mundos imaginais a que o homem pode ter acesso. Inscrevendo-se contra a solidariedade entre a arte e a natureza, mas não querendo reduzir a arte a puras formas ou a procedimentos técnicos, acabou por conceber a poesia em particular e a arte em geral, como o acesso ao



"espiritual", ao simbolismo poético que todo o real, mesmo o mais sórdido, esconde e revela; o poema tal um ideograma de visões que deve agir na emoção do leitor como uma magia sugestiva. Cultivou, em conformidade, um estilo de vida que equiparou a uma ascese de dandy, no sentido mais nobre que se possa dar a esse termo. Não lhe interessou a produção de obras perfeitas e completas, mas construções, mesmo imperfeitas, capazes de provocar iluminação e centelhas, de que *A Fanfarlo* é, em prosa, um extraordinário exemplo. Por isso, nos deixou, como legado, uma estética. Pagou, com uma forma de vida arriscada e excêntrica, o poder de o saber e a faculdade de o transmitir.

A novela *A Fanfarlo* foi publicada, pela primeira vez, no nº1 do "*Bulletin de la Societé des Gens de Lettres*"(1847).

Na história da crítica literária e dos estudos baudelairianos, estudiosos houve que procuraram raízes autobiográficas e influências literárias diversas para *A Fanfarlo*.

Sem interferir nas razões de uns e de outros — como se lhes fosse alheio —, esta novela de Baudelaire continua a ser regularmente editada, devido à extraordinária modernidade de que é expoente na escrita

narrativa, e assim continuará sendo enquanto as vivências amorosas forem o que, na realidade, são.

A personagem que dá o nome à novela só aparece no meio do texto como rival — porque amante do marido da Sra. de Cosmely, e na boca desta. Inicia-se aí a narrativa de um tipo "clássico" da energia dos afectos, centrada sobre a única figura masculina, Samuel Cramer: um homem fraco, para um desejo forte.

Na primeira parte do texto, é descrito o homem fraco, disperso e ambivalente; na segunda parte, é-nos mostrada a irrupção do desejo forte, uno e imperioso.

Assistimos com um humor a que não falta uma pontinha de moral ao soçobrar de todas as estratégias amorosas (que não são nada, porque meras procuras de potencial); e lemos o que já sabíamos: só há desejo forte, e só este (e a morte) têm o poder de fazer bifurcar vidas e destinos.



Samuel Cramer que em tempos assinou com o pseudónimo Manuela de Monteverde algumas loucuras românticas — na época alta do romantismo — é o cruzamento contraditório de um Alemão flácido e de uma Chilena trigueira. Acrescentai a esta dupla origem uma educação literária, e ficareis menos surpreendidos — antes satisfeitos e edificados — com as estranhas complexidades deste temperamento. Samuel tem uma testa pura e nobre, olhos brilhantes como gotas de café, o nariz implicante e trocista, os lábios impudentes e sensuais, o queixo quadrado e de déspota, o penteado pretensiosamente rafaélico. É simultaneamente um grande preguiçoso, um triste,



e um ilustre infeliz; porque durante a sua vida nunca teve ideias completas. O sol da indolência que constantemente brilha dentro dele evapora e consome-lhe a metade de génio com que o céu o dotou. Na chusma desses grandes meios-homens que conheci nesta terrível vida parisiense, Samuel foi, mais que todos eles, o homem das belas obras falhadas — criatura doente e excêntrica, cuja poesia brilha muito mais na sua pessoa do que nas suas obras e que, por volta da uma hora da manhã, entre o deslumbramento de uma lareira de fogo a carvão e o tiquetaque de um relógio, sempre surgiu a meus olhos como o deus da impotência — deus moderno e hermafrodita — impotência tão colossal e vasta que chega a ser épica.

Como hei-de fazer-vos penetrar e ver claro nesta natureza tenebrosa, a que fugidias iluminações vêm dar cor — a um tempo indolente e empreendedora — fértil em projectos ambiciosos e em irrisórios abortos —; espírito em que o paradoxo adquiria muitas vezes as proporções da ingenuidade, e cuja imaginação era tão vasta quanto a solidão e a preguiça absolutas? Um dos defeitos mais naturais de Samuel era o de querer guindar-se

ao nível dos que ele tivera ocasião de admirar; após a leitura apaixonada de um belo livro, era inevitável a sua conclusão: aqui está um livro suficientemente belo para ser meu! — e daí a pensar: fui eu que o escrevi —, não ia mais do que o espaço de um traço.

No mundo actual, este tipo de temperamento é mais frequente do que se julga; as ruas, os passeios públicos, os cafés, e todos os refúgios de passeantes ociosos pululam de indivíduos desta espécie. Identificam-se de tal modo com o novo figurino que não estão longe de pensar que foram eles que o inventaram. Ei-los hoje a decifrar penosamente as páginas místicas de Plotino ou de Porfírio; amanhã admirarão a maneira como Crébillon filho expressou tão bem o lado volúvel e francês do seu carácter. Ontem cavaqueavam familiarmente com Jérôme Cardan; ei-los hoje a fazer malabarismos à Sterne, ou a lambuzar-se à Rabelais com os bons petiscos da hipérbole. Como acabam por ser felizes em cada uma das suas matamorfoses, nem sequer desejam mal aos belos génios que ousaram precedê-los na estima da posteridade. Ingénua e respeitável falta de vergonha! Era assim o pobre Samuel.



Era bastante boa pessoa de nascença e, por desfastio, um pouco malandrim — fingidor por temperamento —, representava para si próprio na intimidade incomparáveis tragédias ou, mais exactamente, tragicomédias. Se acontecia sentir-se aflorado e ligeiramente tocado pela boa disposição, era forçoso constatá-lo, de imediato, e logo o nosso homem se punha a rir a bandeiras despregadas. Nascia-lhe uma lágrima ao canto do olho, motivada por uma recordação qualquer, ia logo pôr-se ao espelho ver-se chorar. Se uma rapariga, num acesso de ciúme violento e pueril, o arranhava com uma agulha ou um canivete, Samuel vangloriava-se de ter sido apunhalado, e quando devia uns miseráveis vinte mil francos, exclamava ufano: “É bem triste e lamentável a sorte de um génio cercado por um milhão de dívidas!”

Não fiqueis, no entanto, a pensar que fosse incapaz de ter verdadeiros sentimentos, e que a paixão só ligeiramente o afluasse. Teria vendido a própria camisa por alguém que conhecesse na véspera e que instituíra seu amigo íntimo, após uma inspecção sumária da testa e das mãos. Aplicava às questões do espírito e da alma, a meditação ociosa

das naturezas germânicas, aos assuntos do coração, o ardor abrupto e volúvel da sua mãe e, na prática da vida, todos os defeitos da vaidade francesa. Ter-se-ia batido em duelo por um autor ou por um artista desaparecido há dois séculos. Era apaixonadamente ateu, como fora furiosamente devoto. Era, a um tempo, todos os artistas que estudara, todos os livros que lera e contudo, apesar do seu jeito para fingir, permanecia profundamente original. Continuava sempre a ser o meigo, o excêntrico, o indolente, o terrível, o sábio, o ignorante, o desarrumado, o elegante Samuel Cramer, a romântica Manuela de Monteverde. Adorava um amigo como gostava de uma mulher, e amava uma mulher como se se tratasse de um camarada. Possuía a lógica de todos os bons sentimentos e a ciência de todas as manhas e, apesar disso, nunca chegou a nada, por acreditar demasiado no impossível. Que terá isso de extraordinário? Estava sempre a magiciar nele.

Uma noite, teve vontade de sair; o tempo estava bom e perfumado. Seguindo a sua inclinação natural pelos excessos, tinha hábitos violentos de reclusão e de dissipação igualmente prolongados, e



havia já demasiado tempo que estivera confinado à casa. A indolência materna, a languidez crioula que lhe estava na massa do sangue, não o deixavam sentir-se incomfortável com a desordem reinante no quarto, na roupa e no cabelo excessivamente sujo e emaranhado. Penteou-se, lavou-se, e encontrou rapidamente o fato e o aprumo das pessoas para quem a elegância é coisa de todos os dias; em seguida abriu a janela. Um dia quente e dourado entrou-lhe pelo quarto coberto de pó. Samuel pôde admirar como em poucos dias a primavera tinha vindo súbita, e sem avisar. Uma brisa cálida e impregnada de bons odores abriu-lhe as narinas — uma parte subiu-lhe à cabeça, enchendo-o de imagens de prazer e de desejo, a outra agitou-lhe libertinamente o coração, o estômago e o fígado. Apagou com firmeza as duas velas; a que brilhava ainda sobre um livro de Swedenborg e a que se extinguia sobre um desses livros escabrosos cuja leitura só aproveita aos espíritos possuídos por um gosto imoderado da verdade.

Do alto da sua solidão, obstruída por papelada vária, pavimentada de livros e povoada pelos seus sonhos, não passaram despercebidas a

Samuel, ao passear-se muitas vezes, numa alameda dos jardins do Luxemburgo, uma forma e uma figura que em tempos amara, na província — na idade em que se ama o amor. Os seus traços, apesar de amadurecidos e empapados por alguns anos de prática, mantinham a graça profunda e decente da mulher honesta; no fundo do seu olhar brilhava ainda com intermitência o devaneio húmido da adolescente. Ia e vinha, seguida habitualmente por uma criada assaz elegante, cujo aspecto e modos indicavam tratar-se de mais uma confidente e dama de companhia do que de uma verdadeira empregada. Dava a impressão de procurar recantos pouco frequentados, e sentava-se tristemente com pose de viúva, tendo por vezes na mão absorta um livro que, aliás, não lia. Foi nos arredores de Lyon que Samuel a conheceu, jovem, viva, garrida e mais magra. À força de a olhar e, por assim dizer, de a reconhecer, tinha reencontrado uma a uma todas as pequenas recordações que na sua lembrança se ligavam a ela; tinha rememorado para si próprio todo esse romance de juventude que depois se tinha perdido no meio das preocupações da vida e no dédalo das paixões.



Nessa tarde, saudou-a, mas com mais ênfase e uma maior atenção. Ao passar diante dela, ouviu atrás de si este fragmento de diálogo: "Mariette, o que acha deste cavalheiro? — mas isto dito num tom de voz tão distraído, que até o mais malicioso dos observadores nada teria a objectar em desabono da senhora.

— Mas, minha Senhora, por mim acho-o bem apessoado. A Senhora sabe que ele é o Senhor Samuel Cramer?"

Compreende-se assim por que motivo, no dia seguinte, Samuel teve a delicadeza de lhe entregar o lenço e o livro que encontrara em cima de um banco, e que ela todavia não perdera, pela boa razão que estava mesmo ali perto, a ver os pardais disputarem migalhas, ou parecendo contemplar o trabalho interior das plantas. Sentiu uma estranha alegria ao dar com uma pessoa disposta a escutá-lo e a responder-lhe, apesar de ser frequente, entre duas pessoas cujos destinos cúmplices colocaram no mesmo diapasão, se entabular, de imediato, um diálogo sem rodeios.

"Terei, Senhora, a felicidade de ter ainda um lugar na vossa recordação? Terei mudado assim

tanto que vos não seja possível reconhecer em mim o camarada de infância com quem haveis jogado às escondidas e feito tropelias?

— Uma mulher — respondeu a dama, esboçando um tímido sorriso, não tem o direito de reconhecer alguém com essa facilidade; eis por que lhe agradeço ter tomado a iniciativa e ter-me dado a oportunidade de me referir a essas belas e felizes recordações. Além disso... há tantos acontecimentos e pensamentos em cada ano das nossas vidas... e parece-me que passaram muitos...?

— Anos — replicou Samuel — que no meu caso, foram lentos a passar, ou então desvaneceram-se rápidos, mas todos eles diversamente cruéis.

— E a poesia?... — perguntou a dama, com um sorriso nos olhos.

— Sempre, Senhora! — respondeu rindo Samuel. Mas o que é que está a ler?

— Um romance de Walter Scott.

— Agora entendo as suas frequentes interrupções. Que escritor maçudo! Um descobridor poeirento de crónicas enterradas! Um amontoado fastidioso de descrições de bric-à-brac, um monte de velharias e de restos de todo o género : armaduras,



louças, móveis, albergues góticos e castelos de melodrama onde se passeiam manequins de corda, vestidos de gibões e de vestes pintalgadas; esteriótipos de que nenhum plagiário de dezoito anos se servirá ainda daqui a dez anos; castelãs inenarráveis e amantes perfeitamente fora de moda — nenhuma verdade afectiva, ausência total de filosofia dos sentimentos! Bem diferentes são os nossos romancistas franceses que preferem a paixão e a moral à descrição material dos objectos! Desde que a castelã choramingue ou traia convenientemente, que importância tem que se vista com uma blusa de folhos, ou cesto, ou combinação à Oudinot? Será que um amante se torna mais interessante por andar com um punhal no colete, em vez de cartões de visita, e um déspota vestido de negro mete poeticamente menos medo do que um tirano coberto de correamo e de ferro?”

Como se está a ver, Samuel era dessas pessoas absorventes, homens insuportáveis e obsessivos, nos quais a profissão mata o convívio, e que aproveitam qualquer oportunidade, nem que seja a de um conhecimento imprevisto à beira de uma árvore ou à esquina de uma rua — até pode ser um

maltrapilho —, para expor teimosamente as suas opiniões. Só há uma diferença entre um caixeiro viajante, um industrial errático, um descobridor de negócios em comandita, e um poeta, e é a que separa a publicidade da prédica; acescente-se que a pecha do poeta é totalmente desinteressada.

Mas a dama replicou-lhe simplesmente: “Meu caro Senhor Samuel, eu não passo de uma simples leitora, é quanto basta para que perceba como a minha alma é inocente. Assim, no que me diz respeito, o prazer é a coisa mais fácil de encontrar. Mas falemos de si; considerar-me-ia feliz se me julgasse digna de ler algumas das suas produções.

— Mas, Senhora, como é possível...? — perguntou a vaidade malcriada do poeta surpreso.

— O responsável pelo meu gabinete de leitura diz desconhecer-vos.” E sorriu docemente de modo a atenuar o efeito desta troça fugidia.

“O verdadeiro público do século dezanove, minha Senhora, são as mulheres, diz sentenciosamente Samuel; o seu parecer favorável dar-me-á mais valor do que o de vinte academias.

— Pois bem, espero que cumpra a sua promessa. Mariette, dê-me a sombrinha e o lenço



para o pescoço; em casa, talvez já estejam a ficar em cuidado. Sabe como o Senhor volta cedo.”

Esboçou um gesto de despedida, comedido e gracioso, que em nada a comprometia, e cuja familiaridade não excluía a dignidade.

Samuel não ficou nada admirado por encontrar um antigo amor de juventude prisioneiro dos laços conjugais. Na história universal do sentimento, era inevitável. Chamava-se Sra. de Cosmelly, e morava numa das ruas mais aristocráticas do *faubourg* Saint-Germain.

No dia seguinte foi encontrá-la, a cabeça reclinada, por efeito de uma melancolia graciosa e quase estudada, para as flores do canteiro, e ofereceu-lhe o seu volume das *Orfraies*, recolha de sonetos, do género daqueles que todos fizemos e lemos, quando tínhamos a compreensão curta e os cabelos longos.

Samuel ardia de curiosidade de saber se as suas *Orfraies* tinham encantado a alma desta bela melancólica, e se os pios destes pássaros desagradáveis tinham intervindo em seu favor; mas alguns dias depois, ela disse-lhe com uma candura e uma honestidade desanimadoras:

“Senhor, não passo de uma mulher, e por conseguinte a minha opinião tem pouco valor; mas parece-me que as tristezas e os amores dos senhores, escritores não se assemelham em nada às tristezas e aos amores dos outros homens. Endereçais galanteios bem elegantes sem dúvida e de uma escolha bem fina a senhoras que eu prezo o suficiente para acreditar que devem por vezes corar com o que lhes dizeis. Cantam a beleza das mãos num estilo que vos deve fazer perder o sufrágio das filhas. Anunciais ao mundo que adorais os pés ou as mãos de uma dada senhora que, suponhamo-la para sua honra, gasta menos tempo a ler-vos do que a tricotar meias e mitenes para os pés ou as mãos dos seus filhos. Por efeito dum dos mais singulares contrastes de que desconheço ainda a causa misteriosa, reservais o vosso mais místico incenso a criaturas bizarras que lêem ainda menos do que as senhoras, e desmaiais platonicamente diante de reles sultanas que, ao verem a delicada pessoa de um poeta, imagino devam arregalar tanto os olhos como os animais que acordam num incêndio. Ainda por cima, ignoro por que gostais tanto dos temas fúnebres e das descrições de anatomia. Quando se é



jovem, se tem um belo talento e, presume-se, todas as condições para se ser feliz, parece-me mais natural celebrar a saúde e as alegrias do homem bem formado do que exercitar-se no anátema e a conversar com *Orfraies*."

Eis o que ele lhe respondeu: "Lamentai-me, Senhora, ou antes lamentai-nos, porque tenho muitos irmãos da minha espécie; é o ódio a todos e a nós próprios que nos levou a essas mentiras. Desesperados por não podermos ser naturalmente belos e nobres, mascarámo-nos deste modo tão bizarro. Aplicámo-nos tanto a sofisticar o nosso coração, temos abusado tanto do microscópio para estudar as excrescências horríveis e as verrugas vergonhosas de que está coberto, e que nós ampliamos com deleite, que se nos torna impossível falar a linguagem dos outros homens. Eles vivem para viver, e nós, infelizmente, vivemos para saber. Todo o mistério está aí. A idade só muda a voz e limita-se a fazer cair o cabelo e os dentes; alterámos o acento da nossa natureza, extirpámos um a um os pudores virginais de que estava erigido o nosso íntimo de homens bem formados. Psicologizámos como os loucos, que aumentam a sua loucura ao

tentarem compreendê-la. O tempo limita-se a tornar os membros enfermos, e nós deformámos as paixões. Amaldiçoados, sejam amaldiçoados três vezes, os pais que nos fizeram raquíticos e indesejados, predestinados como fomos a só gerarmos mortos à nascença!

— Continua a falar como nas *Orfraies*!, diz ela; vamos, dê-me o seu braço e admiremos estas pobres flores que a primavera faz tão felizes!"

Em vez de admirar as flores, Samuel Cramer, apanhado de novo pela frase e pelo ritmo, desatou a pôr em prosa más estâncias compostas ao seu primeiro jeito. A dama não interrompia.

"Que diferença faço entre o que sou e o que fui, e como do mesmo homem já pouco resta, excepto a lembrança! mas a lembrança é mais um novo sofrimento. Belos tempos esses em que a manhã não tinha nunca de despertar os nossos joelhos, pesados ou cansados pela fadiga dos sonhos, em que o nosso olhar claro ria para toda a natureza, em que a nossa alma não racionalizava, mas vivia e tinha prazer; em que suspirávamos docemente sem alarido e sem orgulho! quantas vezes, nos desvaneios da imaginação, revi uma



dessas noites outonais em que as almas jovens progridem tanto como as árvores que crescem vários palmos pelo efeito de um raio. Então eu vivo, eu sinto, eu ouço; a lua acorda as grandes borboletas; o vento quente abre as meias-noites em flor; a água dos grandes charcos adormece. Escute em espírito as valsas súbitas desse misterioso piano. Os perfumes da tempestade entram pelas janelas; é o momento em que os jardins estão cheios de vestidos cor-de-rosa, e brancos, que não temem molhar-se. Os arbustos complacentes prendem as saias fugidias, os cabelos castanhos e os caracóis louros enovelam-se num torvelinho! A Senhora ainda se recorda dos enormes rolos de feno, tão fáceis de descer, da velha ama tão pesada a correr atrás de nós, e da campainha sempre pronta a chamar-vos para a sala de jantar, sob a vigilância da sua tia?"

A Sra de Cosmelly interrompeu Samuel com um suspiro; quis falar, sem dúvida para lhe pedir que parasse, mas já ele tinha retomado a palavra.

"O que é mais desolador, disse, é que o amor acaba sempre mal, e tanto pior quanto no seu começo era mais divino e mais alado. Não há sonho

de mulher, por mais ideal que seja, que se não volte a encontrar com um bebé glutão suspenso ao seio; não há refugio, não há casa, por mais deliciosa e ignorada que possa ser, que uma picareta não venha a deitar abaixo. E esta destruição é só material; existe uma outra mais impiedosa e mais secreta, que corrói as coisas invisíveis. Imagine que no momento em que se apoia sobre o ser da sua escolha, e lhe diz: "Voemos juntos e procuremos o fundo do céu!", uma voz implacável e séria murmura ao vosso ouvido que as nossas paixões são mentirosas, que é a nossa miopia que faz os belos rostos, e a nossa ignorância as belas almas, e que chega necessariamente o dia em que o ídolo, para o olhar mais clarividente, não passa de um objecto não de ódio, mas de desprezo e de espanto!

— Cale-se, Senhor!" diz a Sra de Cosmelly.

Estava evidentemente emocionada; Samuel percebera que tinha posto o dedo numa ferida antiga, e insistiu com crueldade.

"As dores salutaras da recordação têm, Senhora, os seus encantos, disse ele, e neste inebriamento da dor encontra-se, por vezes, um alívio. Face a um tal aviso fúnebre, todas as almas



nobres diriam: Senhor, levai-me daqui com o meu sonho, intacto e puro: quero entregar à natureza a minha paixão com toda a sua virgindade, e ir para outro lugar com a minha coroa de flores que jamais murchou. Aliás, os resultados do desencanto são terríveis. Os rebentos doentios que nascem de um amor moribundo são a triste devassidão e a impotência horrível: a devassidão do espírito, a impotência do coração que fazem com que o espírito já não possa viver sem a curiosidade, e que o coração vá definhando dia após dia por lassidão. Todos nos parecemos, em maior ou menor grau, com aquele viajante que percorreu um grande país e, em cada crepúsculo, visse o sol, que outrora dourava os prazeres da estrada, pôr-se agora num horizonte sem vida. Senta-se resignado, em colinas sujas cobertas de destroços desconhecidos, e diz aos odores de giesta que estão exalando em vão para um céu vazio; às sementes raras e infelizes que é inútil germinarem num solo árido; aos pássaros, que imaginam os seus acasalamientos abençoados por alguém, que cometem um erro ao fazerem os ninhos numa região varrida por ventos frios e violentos. Faz-se de novo à estrada em direcção a

um deserto idêntico ao que já percorrera, acompanhado por um fantasma lívido chamado Razão, que ilumina a aridez do seu caminho com uma pálida lanterna, e para lhe matar a sede renascente da paixão que sente de quando em vez, dá-lhe a beber o veneno do tédio.”

Ao ouvir de repente um profundo suspiro e um soluço mal contido, voltou-se para a Sra. de Cosmelly; estava banhada em lágrimas, sem forças para continuar a esconder o seu pranto.

Olhou para ela em silêncio durante alguns instantes, com a expressão mais terna e mais untuosa que pôde encontrar; o comediante brutal e hipócrita sentia-se orgulhoso dessas belas lágrimas; considerou-as como sendo obra sua e sua propriedade literária. Enganava-se quanto ao sentido íntimo dessa dor, do mesmo modo que a Sra de Cosmelly, afogada nessa cândida desolação, se iludia sobre o significado do seu olhar. Assistiu-se então a um jogo singular de mal-entendidos, que permitiu a Samuel Cramer estender-lhe ambas as mãos, que ela aceitou com uma terna confiança.

“A verdadeira sabedoria, Senhora, consiste menos em maldizer do que em esperar, retomou



Samuel após alguns momentos de silêncio, o silêncio clássico da emoção. Como poderíamos atravessar este deserto horrível do tédio, que eu acabo de vos mostrar, sem o dom absolutamente divino da esperança? O fantasma que nos acompanha é na verdade uma imaginação da mente; podemos afastá-lo, aspergindo-o com a água benta da primeira virtude teológica. Existe uma teologia leve que sabe encontrar a sua consolação nos objectos aparentemente mais indignos. Do mesmo modo que a virtude vale mais do que a inocência, e é mais meritório tornar fértil um deserto do que colher o néctar dum pomar viçoso, assim também é próprio de uma alma de elite purificar-se e purificar os que a rodeiam. Dado que não existe traição que se não perdoe, não há pecado que não possa ser olvidado, nem esquecimento que se não possa preencher; amar o seu próximo e achá-lo amável é uma ciência, como existe a arte de bem viver. Quanto mais delicado é um espírito, mais ele descobre belezas originais; quanto mais uma alma é terna a aberta à esperança divina, mais encontra no outro, por muito impuro que seja, motivos de amor; esta é a obra do amor, e não será a primeira, nem a

última desolada viajante, perdida nos desertos áridos da desilusão, que reconquista a fé e volta a apaixonar-se mais fortemente ainda por aquilo que tinha perdido, e com tanto mais razão que ela possui agora a ciência de orientar a sua paixão e a paixão da pessoa amada.”

O rosto da Sra de Cosmelly ia-se iluminando pouco a pouco; a sua tristeza brilhava de esperança como um sol gotejante, e mal Samuel acabou de falar, disse-lhe vivamente e com o ardor inocente de uma criança:

“ Garante-me, Senhor, que tal seja possível, e que exista para desesperados ramos tão fáceis a que se agarrar?

— Mas certamente, senhora.

— Ah!, como eu seria a mais feliz das mulheres, se se dispusesse a ensinar-me as suas receitas!

— Nada de mais fácil”, replicou ele brutalmente.

No meio de toda esta affectação sentimental, a confiança renascera e unira as mãos dos dois personagens; o feito fora tão conseguido, que após algumas hesitações e alguns pudores que pareceram



a Samuel de bom augúrio, a Sra Cosmelly fez-lhe, por seu lado, confidências e começou assim:

“Compreendo, Senhor, quanto uma alma poética possa sofrer com este isolamento, e quanto uma exigência de coração como a sua se consuma rapidamente na sua solidão; as suas dores, que só a vós pertencem, provêm, todavia, tanto quanto pude descortinar nas suas pomposas palavras, de necessidades bizarras sempre insatisfeitas e quase impossíveis de satisfazer. É verdade que sofre; mas é bem possível que esse sofrimento obre em prol da sua grandeza, e que ele vos seja tão necessário como a outros o é a felicidade. Dignar-se-á agora escutar e tentar simpatizar com mágoas bem mais fáceis de compreender — uma dor de província? Espero da sua parte, Senhor Cramer, que é sábio, homem de espírito, os conselhos e, talvez, a ajuda de um amigo.

“Sabe, quando me conheceu, como eu era uma rapariguinha, tal como vós já um pouco sonhadora, mas tímida e bastante obediente; que me via menos ao espelho do que você, e que hesitava sempre em comer ou meter ao bolso os pêssegos e as uvas que você ia afoitamente roubar

para mim ao pomar dos nossos vizinhos. Só o prazer não proibido me dava uma satisfação autenticamente agradável e completa, e preferia de longe beijar um rapaz jeitoso como você na presença da minha velha tia do que fazê-lo no meio dos campos. Os ademanos e os cuidados, que toda a rapariga casadoira deve ter, só os adquiri mais tarde. Mal comecei a saber cantar canções de amor ao piano, vestiram-me com mais cuidado, forçaram-me a estar direita, obrigaram-me a fazer ginástica, e proibiram-me de estragar as mãos a plantar flores ou a criar pássaros. Passaram a deixar-me ler outra coisa que os livros de Berquin, e comecei a assistir, em vestido de noite, a óperas medíocres, no teatro local. Quando o Sr. de Cosmelly veio ao castelo, uma viva amizade começou por me ligar a ele; comparando a velhice um pouco rabujenta da minha tia com a sua florescente juventude, achava-o com ar nobre e honesto, e fazia-me uma corte o mais possível respeitadora. Citavam-se, a seu propósito, os mais belos gestos: um braço partido em duelo por causa de um amigo um pouco cobarde que lhe tinha confiado a honra de sua irmã, somas enormes emprestadas a antigos camaradas sem fortuna; sei lá



eu! Tinha para com toda a gente atitudes de comando afáveis e irresistíveis que acabaram por me dominar também. Antes de levar connosco uma vida de castelo, que vida teria levado?; teria conhecido outros prazeres que os de ir comigo à caça ou tocar virtuosas canções de amor no meu velho piano; teria tido amantes? Eu nada sabia, e não tinha intenções de me informar. Comecei a gostar dele com toda a credulidade de uma jovem que não teve oportunidade para comparar, e casei com ele — o que deu à minha tia o maior dos prazeres. Quando me tornei sua mulher perante a religião e perante a lei, o meu amor ainda cresceu mais. Sem dúvida que o amava demasiado. Estava certa, estava errada?, quem o poderá saber? Fui feliz com este amor, cometi o erro de ignorar que ele podia ser perturbado. Conhecê-lo-ia eu bem, antes de me casar com ele? Sem dúvida alguma, não; mas parece-me que se não pode censurar a escolha imprudente duma rapariga honesta que se quer casar, como se não pode acusar uma mulher da vida de se amancebar com um amante ignóbil. Uma e outra — infelizes de nós! — são igualmente ignorantes. Falta a essas desditosas vítimas, às

raparigas casadoiras assim chamadas, uma educação das vergonhas, ou seja, o conhecimento dos vícios dos homens. Gostaria muito que cada uma dessas pobres pequenas, antes de ser submetida ao laço conjugal, pudesse ouvir num lugar secreto, e sem ser vista, dois homens falarem entre si das coisas da vida, e sobretudo das mulheres. Poderiam então, depois desta primeira e perigosa prova, entregar-se aos acasos terríveis do casamento, conhecendo os pontos fortes e fracos dos seus futuros tiranos”

Samuel não estava bem a ver onde queria chegar esta encantadora vítima; mas começava a achar que, para uma mulher desiludida, ela falava demais do seu marido.

Após uma pausa de alguns minutos, e como se temesse abordar paragens funestas, recomeçou assim: “Um dia, o Sr. de Cosmelly quis voltar para Paris; era importante que eu tivesse oportunidade de brilhar e usufruísse de um quadro de vida correspondendo aos meus méritos. Uma mulher bela e com instrução, dizia, pertence a Paris. É preciso que ela saiba estar em sociedade e que parte do seu brilho se reflecta sobre o marido. Uma



mulher de espírito nobre e com bom senso sabe que só alcançará destaque e brilho em sociedade, se construir, em parte, a glória do companheiro de viagem, ou seja, se potenciar as qualidades do seu marido; acima de tudo, sabe que só será respeitada, se agir de molde a fazê-lo respeitado. Era sem dúvida o meio mais simples e mais seguro de ser obedecido, quase com alegria; ter a certeza que os meus esforços e a minha obediência me tornariam a seus olhos mais bela, era motivo mais do que suficiente, para me levar a abordar essa temível Paris, de que eu tinha instintivamente medo, e cujo fantasma negro e replandecente, erguendo-se no horizonte dos meus sonhos, cerrava de apreensão o meu pobre coração de noiva. Para quem o ouvisse, seria esse o motivo da nossa viagem. A vaidade de um marido faz a força de uma mulher apaixonada. Talvez se enganasse a si próprio, de boa fé e, quase sem dar por isso, tentasse iludir a sua consciência. Em Paris, tínhamos dias reservados aos íntimos de quem o Sr. de Cosmelly, com o tempo, se fatigou, como já se tinha fartado da sua mulher. Talvez tivesse deixado de gostar dela porque ela lhe tinha demasiado amor; ela empenhava abertamente o

coração. Deixou de gostar dos seus amigos, pela razão oposta. Além do prazer monótono das conversas, onde a paixão não entra, nada mais tinha para lhe dar. A partir daí, a sua actividade tomou outro rumo. Depois dos amigos, vieram os cavalos e o jogo. O burburinho do mundo, o contacto com amigos que continuavam solteiros e lhe traziam constantemente à memória recordações de uma louca juventude, afastaram-no do fogo do lar e das longas conversas em família. Ele que nunca se ocupara de nada, excepto do seu coração, começou a cultivar outros interesses. Rico e sem profissão, inventou um mundo de turbulentas e frívolas actividades que lhe enchiam o tempo por inteiro; tive de recalcar no fundo do meu peito as perguntas conjugais do costume: — Onde vais? — A que horas vens? Vem depressa; porque a vida à inglesa — essa morte do coração — a vida dos clubes e dos círculos, absorveu-o totalmente. Ao princípio, chocou-me o cuidado exclusivo que dedicava à sua pessoa e o dandysmo de que dava mostras; é obvio que não era eu o objecto desses cuidados. Quis fazer como ele, ser mais bela, isto é, coquette, coquette para ele, como ele o era para os outros; noutros



tempos, oferecia tudo, dava tudo, queria agora fazer-me rogada. Quis reanimar as cinzas da minha já extinta felicidade, agitando-as e dispondo-as de outro modo; mas tenho a impressão que, em questões de manha, sou muito desajeitada, e não tenho a arte do vício; ele nem sequer se dignou prestar atenção. A minha tia, cruel como todas as velhas invejosas, que estão agora reduzidas a admirar um espectáculo em que outrora foram atrizes, e a contemplar os prazeres que lhes são negados, não descansou enquanto não me fez chegar, por intermédio de um primo do Sr. de Cosmelly, a notícia de que o meu marido se tinha apaixonado por uma actriz de teatro muito em voga. Comecei a ir a todos os espectáculos, e diante de qualquer mulher, por pouco bela que fosse, que entrava em cena, tinha medo de estar a admirar nela a minha rival. Enfim soube, devido a um acto caridoso do mesmo primo, que era a Fanfarlo, uma dançarina, tão estúpida quanto bela. Como é autor, deve de certeza conhecê-la. Não sou muito vaidosa, nem me orgulho muito da minha figura; mas jurovos, Senhor Cramer que, muitas vezes, à noite, por volta das três ou quatro da manhã, farta de esperar

o meu marido, os olhos vermelhos de lágrimas e de insónias, depois de lhe ter suplicado muitas vezes que voltasse à felicidade e ao dever, perguntei a Deus, à minha consciência, ao meu espelho, se eu era tão bela como essa miserável Fanfarlo. O meu espelho e a minha consciência responderam-me: Sim. Deus não permite que me vanglorie, mas não me impede que me sinta legitimamente vitoriosa. Por que é que entre duas belezas iguais, os homens preferem, as mais das vezes, a flor que todos já respiraram, em vez da que se escondeu dos olhares dos passeantes, nas alas mais obscuras do jardim conjugal? Por que é que as mulheres que oferecem prodigamente os seus corpos, tesouro de que um único sultão deve ter a chave, têm mais admiradores do que nós, mártires infelizes de um único amor? De que encanto, particularmente mágico, aureola o vício certas criaturas? Porque é que a virtude dá a algumas um ar repelente e canhestro? Responda então, já que por dever de ofício deve conhecer todos os sentimentos da vida e a seriedade dos seus motivos!"

Samuel nem sequer teve tempo para responder porque ela continuou ardentemente:



“ O Sr. de Cosmelly tem coisas bem graves a pesar-lhe na consciência, caso a perdição de uma alma jovem e virgem interesse o Deus que a criou para a felicidade de um outro. Se o Sr. de Cosmelly morresse esta noite, teria um grande perdão a implorar; porque, por sua culpa, ensinou à sua mulher horríveis sentimentos, o ódio, a desconfiança relativamente ao objecto amado e a sede de vingança. Ah! Senhor, passo noites bem dolorosas, insónias bem inquietas, eu rezo, eu amaldiçoo, eu blasfemo. O sacerdote diz-me que é preciso carregar a nossa cruz com resignação; mas o amor levado a um estado de loucura, e a fé abalada, não sabem resignar-se. O meu confessor não é mulher, e eu amo o meu marido, amo-o, Senhor, com toda a paixão e toda a dor de uma amante batida e espezinhada. Não houve nada que eu não tentasse. Em vez de toilettes sombrias e simples em que o seu olhar antes se comprazia, comecei a usar toilettes extravagantes e sumptuosas como as actrizes de teatro. Eu, a casta esposa que ele foi procurar nos confins de um modesto castelo, pavoneei-me diante dele vestida de mulher da vida; tornei-me espirituosa e mimalha, só eu sabendo a

morte que me ia na alma. Enfeitei o meu desespero com sorrisos resplandescentes. Infelizmente, ele nem sequer reparou. Pinteime; até isso fiz, Senhor, pintar-me! Como vê, é uma história banal, a história de todas as infelizes — um romance de província!”

Enquanto ela soluçava, Samuel fazia a figura do Tartufo, no momento em que é apanhado por Orgon, o esposo não esperado, que do fundo do seu esconderijo se atira a ele; assim os soluços virtuosos desta dama que, soltando-se do seu coração, vêm agarrar pelos colarinhos a hipocrisia abalada do nosso poeta.

O extremo abandono, o à-vontade e a confiança da Sra. de Cosmelly tinham-lhe dado asas prodigiosamente; em nenhum momento ficou, todavia, fascinado. Samuel Cramer, que tantas vezes causou admiração, não se admirava com nada. Parecia querer pôr em prática e demonstrar na sua vida a verdade desta máxima de Diderot: “A incredulidade é, por vezes, a pecha do estúpido, e a credulidade o defeito do homem inteligente. O homem inteligente vê longe na imensidão dos possíveis. O estúpido só admite como possível o que existe. É talvez isso que faz com que um seja



pusilânime, e o outro temerário” E isto explica tudo. Alguns leitores escrupulosos e amadores da verdade verosímil poderão talvez encontrar muitos defeitos nesta história, apesar de eu me ter limitado a trocar os nomes e a dar ênfase os detalhes; como é possível, dirão, que um poeta de mau tom e de maus costumes, como Samuel, possa abordar de um modo tão sem rodeios uma mulher do género da Sra. de Cosmelly?; debitar-lhe, a propósito de um romance de Scott, uma torrente de poesia romântica e banal?; a Sra. de Cosmelly, a esposa discreta e virtuosa, entregar-lhe tão prontamente, sem pudor e sem desconfiança, o segredo das suas mágoas? A tudo isso eu respondo que a Sra. de Cosmelly era simples como uma bela alma, e que Samuel era ousado como as borboletas, os besouros e os poetas; atirava-se a todas as chamas e entrava por todas as janelas. A máxima de Diderot permite compreender por que motivo aquela se abandonou tanto, e este foi tão brusco e imprudente. Explica igualmente todos os maus passos que Samuel deu na vida, erros que um simples estúpido não teria cometido. Aquela parte de público que é essencialmente pusilânime passará totalmente ao lado da

personagem de Samuel, essencialmente crédula e imaginativa, a ponto de acreditar, enquanto poeta, no seu público, e, enquanto homem, nas suas próprias paixões.

Percebeu então que esta mulher era mais forte, mais escarpada do que parecia, e que importava de sobremaneira não atacar de frente a sua piedade cândida. Debitou-lhe de novo lugares comuns românticos. Envergonhado por não ter tido inteligência, quis ser hábil; entreteve-a mais um pouco ainda com a lengalenga seminarista de feridas a fechar ou a cauterizar com a abertura de novas feridas sangrentas e não dolorosas. Quem já quis, sem ter em si a força absoluta de um Valmont ou de um Lovelace, possuir uma mulher honesta que não esteja para aí voltada, sabe bem com que risível e enfática imperícia cada um diz, ao mostrar o seu coração: fique com o meu urso; isto não me dispensará de vos contar até que ponto Samuel foi estúpido. A Sra. de Cosmelly, esta amável Elmira que tinha o golpe de vista claro e prudente da virtude, percebeu logo que proveito podia tirar deste malandro novato, para sua felicidade e em benefício da honra do seu marido. Pagou-lhe, pois,



com a mesma moeda; deixou que ele lhe apertasse as mãos; falaram de amizade e de platónicas bagatelas. Ela murmurou a palavra vingança; deu-lhe a entender que, nas crises dolorosas da vida de uma mulher, como esta, daria de boa vontade ao seu vingador os restos do coração que o pérfido não quis levar, e outras dramáticas palermices e fingimentos. Em resumo, usou de galanteria, para um nobre fim, e o nosso jovem espertalhão, que era mais parvo do que experiente, prometeu arrancar a Fanfarlo ao Sr. de Cosmelly, e de o desembaraçar da cortesã, — esperando encontrar nos braços da mulher honesta a recompensa por este meritório serviço. Só um poeta é suficientemente cândido para inventar semelhantes monstruosidades.

Um detalhe bastante cómico desta história, e que funcionou como um aparte no drama doloroso que se ia jogar entre estes quatro personagens, foi fornecido pelo quiproquo dos sonetos de Samuel; porque, a este respeito, não tinha emenda — um era para a Sra. de Cosmelly, louvando em estilo místico a sua beleza de Beatriz, a sua voz, a pureza angélica dos seus olhos, a sua postura casta, etc., outro era para a Fanfarlo, onde lhe servia um cozinhado de

piropos apimentados, de molde a excitar o menos noviço dos paladares, género de poesia, aliás, em que era exímio, e no qual, muito cedo, ultrapassara todas as andaluzarias possíveis. O primeiro naco foi ter às mãos da criatura que atirou esse prato de pepinos para a caixa de charutos; o segundo, à pobre abandonada que, de início, arregalou os olhos, mas acabou por compreender, e apesar do sofrimento, não foi capaz de se conter, largando-se a rir a bandeiras despregadas, como noutros tempos bem mais felizes.

Samuel foi ao teatro e pôs-se a estudar o desempenho da Fanfarlo no palco. Achou-a leve, magnífica, vigorosa, vestindo-se com imenso gosto, e considerou o Sr. de Cosmelly um homem feliz por poder arruinar-se por um naco daquele calibre.

Apresentou-se duas vezes em casa dela — uma moradia com escada aveludada, cheia de portas interiores e de tapetes, situada num bairro novo e verdejante; mas estava-lhe vedado chegar até ela, servindo-se de pretextos razoáveis. Uma declaração de amor era uma coisa perfeitamente inútil e até perigosa. Um fracasso impedi-lo-ia de a voltar a procurar. Tendo sabido que a Fanfarlo não



recebia ninguém, não valia a pena forçar-lhe a porta. Alguns íntimos viam-na de vez em quando. Que iria ele dizer ou fazer a casa de uma dançarina magnificamente paga, mantida e adorada pelo seu amante? que poderia ele levar-lhe, não sendo nem costureiro, nem costureira, nem mordomo, nem milionário? Tomou, pois, um partido simples e brutal; impunha-se que a Fanfarlo viesse ter com ele. Naquele tempo, os artigos elogiosos e críticos tinham muito mais influência do que agora. Pôr de pé um folhetim, como dizia recentemente um advogado num processo tristemente célebre, era então bem mais fácil do que hoje; como um ou outro talento dera o braço a torcer com os jornalistas, a insolência dessa juventude estouvada e aventureira passou as marcas. E Samuel — que não percebia patavina de música —, passou a fazer crítica de teatro lírico.

A partir daí, a Fanfarlo começou a ser todas as semanas tosada a valer no rodapé de um importante jornal. Não se podia dizer, nem sequer sugerir que tivesse a perna, o tornozelo ou o joelho mal feitos; os músculos trabalhavam por debaixo das meias, e todos os binóculos protestariam diante de

uma tal blasfêmia. Foi acusada de ser brutal, vulgar, desprovida de gosto, de querer importar para o teatro hábitos de além-Reno e de além-Pirinéus, castanholas, esporas, de usar saltos nas botas — sem contar que bebia como um granadeiro, que gostava demasiado de cãesinhos e da filha da porteira —, e mais roupa suja da vida privada, que são o repasto e a guloseima diária de certos pequenos jornais. Por contraste, e utilizando uma tática particular dos jornalistas, que consiste em comparar o que não é comparável, opunha-a ao género de dançarina etérea, sempre vestida de branco, cujos movimentos castos deixavam as consciências em paz. Por vezes, a Fanfarlo gritava e ria muito alto para a plateia, ao finalizar um salto sobre a rampa; ousava caminhar, ao dançar. Nunca trazia esses insípidos vestidos de gaze que deixam ver tudo, e não sugerem nada. Apreciava os tecidos ruidosos, as saias longas, fendilhadas, cobertas de lantejoulas e afuniladas, que é preciso levantar muito alto com um joelho vigoroso, os corpetes de saltimbanco; dançava, não com brincos, mas com pingentes de orelha, eu ousaria dizer que eram quase lustres. Teria atado de boa vontade, na



extremidade das suas saias, uma multidão de pequenas bonecas bizarras, como usam as velhas ciganas que com modos ameaçadores vos lêem a sina, e que em pleno dia podemos encontrar debaixo dos arcos de abóbada das ruínas romanas; no seu conjunto, um mundo de bizarrarias que o romântico Samuel, aliás o último romântico que a França tem, apreciava imenso. A tal ponto que depois de ter denegrido a Fanfarlo durante três meses, estava loucamente apaixonado por ela, e ela quis saber finalmente quem era o monstro, o coração de bronze, o pedante, o pobre de espírito que teimosamente recusava aceitar a realeza do seu génio.

Prestemos justiça à Fanfarlo porque, por parte dela, tudo se reduziu a um movimento de curiosidade, e a nada mais. Um homem daqueles tinha realmente o nariz no meio da cara, seria ele constituído como o resto dos seus semelhantes? Logo que obteve uma ou duas informações sobre Samuel Cramer, e que soube que era feito como os outros, com algum juízo e com algum talento, percebeu vagamente que havia no caso uma espécie de enigma, e que poderia muito bem acontecer que

o terrível artigo de segunda-feira não passasse de uma espécie particular de ramos de flores semanal, ou fosse o bilhete de visita de um pretensioso teimoso.

Uma noite encontrou-se com ela no seu camarim. Dois enormes fochos e uma grande lareira faziam tremeluzir os seus clarões sobre os trajos de variegadas cores, espelhados por aquela alcova feminina.

A rainha do lugar, quando saía do teatro, voltava a vestir-se como uma simples mortal, e, agachada sobre uma cadeira, calçava sem pudor a sua adorável perna; as mãos, rechonchudamente esguias, faziam passar através dos buracos os atacadores do botim, como uma lançadeira ágil, sem cuidar de abaixar a saia como devia. Esta perna já se tornara para Samuel o objecto de um desejo inextinguível. A um tempo longa, fina, forte, pingue e nervosa, possuía a correcção do belo e todo o atractivo libertino do bonito. Cortada perpendicularmente ao sítio mais largo, essa perna formaria uma espécie de triângulo cuja ponta situar-se-ia na tíbia, e ao qual o desenho arredondado da barriga da perna daria a base convexa. Para se ter uma



ideia, diga-se que uma autêntica perna masculina é demasiado dura, as pernas de mulher esboçadas a lápis por Devéria são excessivamente moles.

Nesta agradável pose, a cabeça inclinada para os pés, punha à mostra um pescoço de procônsul, largo e forte, e deixava adivinhar a linha das omoplatas, revestidas de uma carnação amulatada e abundante. Os cabelos pesados e apertados caíam para a frente, de ambos os lados, titilavam o peito, e escondiam-lhe a cara, de modo que precisava constantemente de os afastar e deitar para trás. Uma impaciência viva e encantadora, como a de uma criança mimalha que acha que as coisas não estão a ir com a devida pressa, agitava toda a criatura e o que trazia vestido, e punha a nu a cada instante novos pontos de vista, novos efeitos de linha e cor.

Samuel parou com respeito — ou fingiu parar com respeito; porque com este diabo de homem, o grande problema é saber onde começa o farsante.

“Ah! é você, meu caro Senhor! diz-lhe ela sem se levantar, apesar de ter sido prevenida da visita de Samuel, alguns minutos antes. Tem algo a pedir-me, não é verdade?”

O sublime desprante desta palavra foi directa ao coração de Samuel; durante oito dias, tinha-se comportado como um tagarela romântico com a Sra. de Cosmelly; aqui, respondeu tranquilamente: “Sim.” E as lágrimas vieram-lhe aos olhos.

Não podia ter causado melhor impressão; a Fanfarlo sorriu.

“Mas que bicho vos mordeu, meu caro Senhor, para me atacardes com um tal apetite? Que ofício horrível...”

— Horrível, na verdade, Senhora... mas é porque vos adoro.

— Já duvidava que assim fosse, replicou a Fanfarlo. Você é um monstro; a sua táctica é abominável. Pobres de nós!, acrescentou a rir.

— Flore, a minha pulseira. Dê-me o braço até ao carro, e diga-me se estive bem, esta noite?”

E assim saíram, de braço dado, como dois velhos amigos; Samuel estava apaixonado, ou pelo menos sentia o seu coração bater com muita força. Foi talvez especial, mas esta noite não foi de certeza ridículo.

Na sua euforia, tinha-se quase esquecido de pôr a Sra. de Cosmelly ao corrente do seu suces-



so, e de levar um raio de esperança ao seu lar deserto.

Alguns dias depois, a Fanfarlo representava o papel de Colombina numa imensa pantomima concebida para ela por gente inteligente. Nessa peça, desempenhava sucessivamente, através de uma agradável sucessão de metamorfoses, os papéis de Colombina, de Margarida, de Elvira e de Zeferina, e recebia com imenso agrado os beijos vários de várias gerações de personagens extraídas de diversas literaturas e de diferentes países. Um grande compositor não se tinha negado a compor uma partitura fantástica e apropriada à estranheza do assunto. A Fanfarlo foi a seu tempo decente, feérica, estouvada, divertida; foi sublime na sua arte, com pés de comediante e olhos de dançarina.

Diga-se de passagem que, entre nós, se despreza em excesso a dança. Todos os grandes povos, a começar pelos do mundo antigo, os da Índia e da Arábia, cultivaram-na tanto como a poesia. A dança está acima da música como, pelo menos para certas organizações pagãs, o visível e o criado estão acima do invisível e do incriado. Só aqueles a quem a música inspira motivos de pintura

me poderão compreender. A dança tem o poder de revelar tudo o que a música contém de misterioso e, mais do que isso, o mérito de ser humana e palpável. A dança é a poesia com braços e pernas, é a matéria, afectuosa e terrível, animada e embelezada pelo movimento. Terpsicore é uma Musa do Sul; imagino que fosse muito morena, e que frequentemente os seus pés a puxassem para a dança no meio das searas douradas; os seus movimentos, plenos de precisão e de cadência, fornecem abundantes e divinais motivos à estatuária. Mas a católica Fanfarlo, não contente de competir com Terpsicore, pôs toda a arte das mais modernas divindades ao seu serviço. O nevoeiro mistura formas de fadas e de ondinas menos vaporosas e menos indolentes. Ela foi a mistura de um capricho de Shakespeare com um espectáculo italiano de jograis.

O poeta estava encantado; acreditou ter diante de si o sonho dos seus dias mais antigos. No estado de exaltação louca que dele se apossara, ter-se-ia posto de boa vontade a dar saltos e a fazer gaifonas no camarim dela, sem se importar de partir a cabeça contra o que quer que fosse.



Uma carruagem baixa e bem fechada levou rapidamente o poeta e a dançarina para a moradia que já vos referi.

O nosso homem exprimia a sua admiração dando-lhe beijos mudos nos pés e nas mãos. Ela não o admirava menos, apesar de não ignorar o poder dos seus encantos, mas jamais vira um homem tão estranho, nem conhecera paixão tão eléctrica.

A noite estava escura como um túmulo, e o vento, ao balouçar montes de nuvens, provocara, com os solavancos, chuva forte e queda de granizo. Uma enorme tempestade abalava os telhados e fazia gemer os campanários; o rio, leito funerário onde desaguavam os bilhetinhos de amor e as orgias da véspera, arrastava num torvelinho os seus milhentos segredos para os esgotos. A mortalidade ia parar alegremente aos hospitais, e os Chatterton e os Savage da rua Saint-Jacques agarravam-se com os dedos gelados às suas escrevaninhas — enquanto isto, o mais falso dos homens, o mais egoísta, o mais sensual, o maior apreciador de bons pitéus, o mais espirituoso dos nossos amigos já se encontrava diante de um bom jantar e de uma boa mesa, em companhia de uma das mulheres mais belas que a

natureza formara para deleite do olhar. Samuel quis abrir a janela para lançar um olhar vencedor sobre a cidade maldita; mas pousando o olhar sobre as diversas felicidades que tinha ali à mão, apressou-se a usufruí-las.

Assim tão bem rodeado, devia ser eloquente: a própria Fanfarlo também achou que ele ia bem, apesar da testa demasiado alta, os cabelos revoltos e o nariz de fumador de rapé.

Samuel e Fanfarlo tinham exactamente as mesmas ideias sobre cozinha e o sistema alimentar de que precisavam as criaturas de elite. As carnes não condimentadas, os peixes insípidos estavam banidos das ceias desta sereia. O champagne raramente desonrava a sua mesa. Os mais célebres bordéus e mais perfumados passavam depois do batalhão maciço e em formação cerrada dos borgonhas, dos vinhos da Auvergne, do Anjou e do Midi, e dos vinhos estrangeiros, alemães, gregos, espanhóis. Samuel costumava dizer que um vinho digno desse nome, havia tanto para beber como para comer, como acontece com um cacho de uvas pretas. A Fanfarlo apreciava a carne em sangue e os vinhos que trazem consigo a embriaguez. Aliás,



nunca se embebedava. Partilhavam um com o outro uma estima sincera e profunda pelas trufas. A trufa, essa surda e misteriosa excrescência vegetal de Cibele, essa saborosa doença que trouxe escondida no seu ventre durante mais tempo do que o mais precioso dos metais, delicada matéria que desafia a ciência do agrônomo, como aconteceu entre Paracelso e o ouro; separa o mundo antigo do moderno\* e, consumida antes de um copo de Chio, produz o efeito de vários zeros depois de um número.

No capítulo dos molhos, guisados e condimentos, assunto grave a exigir um artigo sério, do género dos artigos de ciência, posso dizer-vos que reinava entre os dois uma total concordância, sobretudo sobre a necessidade de recorrer a toda a farmacopeia da natureza na arte de cozinhar. Pimentos, pós ingleses, safrânicos, especiarias coloniais, poeiras exóticas, tudo lhes parecia bom, inclusivé a noz-moscada e o incenso. Se Cleópatra vivesse ainda, estou convencido de que quererá

\* As trufas dos Romanos eram de cor branca e de uma outra variedade

preparar lombos de vaca ou de cabrito com perfumes da Arábia. É, sem dúvida, lamentável que os cozinheiros de agora não sejam levados, por uma via específica e sumptuária, a conhecer as propriedades químicas das substâncias e não saibam descobrir, nos casos em que se impõe, como exemplo um festim de amantes, os elementos culinários quase inflamáveis, prontos a difundirem-se no sistema orgânico, como o ácido prússico, ou a volatilizarem-se como o éter.

Coisa curiosa, esta convergência de opiniões sobre o bem-estar, a similitude de gostos, ligou-os fortemente; esta harmonia profunda da vida sensual, que brilhava em cada olhar e em cada palavra de Samuel, tocou profundamente a Fanfarlo. A sua palavra, ora brutal como um número, ora delicada e perfumada como uma flor ou uma bolsa de senhora, a sua arte estranha da conversação, de que só ele conhecia o segredo, conquistaram definitivamente as boas graças desta mulher encantadora. Não foi, aliás, sem uma viva e profunda satisfação que ele próprio pôde observar, ao inspeccionar o quarto de cama, a perfeita confraternidade de gostos quanto ao mobiliário e à



arquitECTURA interior. Cramer odiava profundamente e, quanto a mim, com inteira razão, as grandes linhas direitas em matéria de apartamentos e a arquitetura introduzida nos lares domésticos. As imensas salas dos velhos castelos metem-me medo e tenho pena das castelãs obrigadas a fazer amor em grandes dormitórios com aspecto de cemitérios, em grandes catafalcos que se faziam passar por camas, sobre grandes monumentos com o pseudónimo de sofás. Os apartamentos de Pompeia cabem numa mão; as ruínas indianas que cobrem a costa do Malabar são testemunhos de sistema idêntico. Esses grandes povos voluptuosos e sábios são peritos na matéria. Os sentimentos íntimos só se desfrutam em espaços muito apertados.

O quarto de cama da Fanfarlo era, pois, muito pequeno, muito baixo, cheio de coisas moles, perfumadas e que não se podiam tocar, sem perigo, a atmosfera carregada de estranhos miasmas dava vontade de se morrer lentamente nela, como numa estufa aquecida. A luz da lâmpada brincava através de uma confusão de rendas e de tecidos de um tom violento, mas equívoco. Aqui e acolá, nas

paredes, iluminava algumas pinturas cheias de voluptuosidade espanhola: carnações muito brancas sobre fundos muito negros. Foi desse fundo encantador e sujo, que fazia as vezes de lugar pouco afamado e de santuário, que Samuel viu avançar para ele a nova deusa do seu coração, no esplendor radioso e sagrado da sua nudez.

Qual é o homem que não gostaria, nem que o preço a pagar fosse metade da sua vida, de ver o seu sonho, o seu verdadeiro sonho, pousar para ele sem véu, e a imagem adorada da sua imaginação tirar uma a uma todas as peças do vestuário que se destinava a protegê-la dos olhares profanos?

Mas aconteceu que Samuel, tomado por um capricho bizarro, se pôs a gritar como uma criança mimalha: Eu quero a Colombina, dá-me a Colombina; dá-ma tal qual apareceu na noite em que me pôs maluco com o seu traje excêntrico e um corpete de saltibanco!

A Fanfarlo, inicialmente espantada, acabou por se prestar, de bom grado, à excentricidade do homem que tinha escolhido, e chamou por Flora; esta bem procurou explicar que já eram três horas da manhã, que no teatro estava tudo fechado, o



porteiro deitado, e que fazia um tempo medonho — entretanto, a tempestade continuava com o seu barulho ensurdecido —, mas teve de obedecer à que obedecia, e a criada de quarto saiu, enquanto Cramer, tomado por uma nova ideia, se agarrou à campainha e lhe gritou com voz forte: "Eh! não se esqueça do bân vermelho!"

Esta saída, bem à maneira de Cramer, que foi contada pela própria Fanfarlo, numa noite em que os seus camaradas lhe faziam perguntas sobre os inícios da sua relação com ele, não me deixou de modo algum admirado; reconheci, logo, a marca das *Orfraies*. Gostará sempre do vermelho e da cor de chumbo, do pechisbeque e de ouropéis de toda a espécie. Seria, com agrado, que voltaria a pintar de novo as árvores e o céu, e se Deus lhe tivesse confiado o plano da natureza, de certeza que o teria estragado.

Apesar de Samuel ser uma imaginação depravada, e talvez devido a isso, o amor era nele uma manifestação da mente mais do que dos sentidos. Era movido pela admiração e pelo apetite do belo; considerava a reprodução como um vício do amor, a gravidez como uma doença de aranha.

Escreveu algures: Os anjos são hermafroditas e estéreis.

Apreciava no corpo humano a harmonia material, a bela arquitectura, a que se acresce o movimento; e este materialismo absoluto não estava muito afastado do mais puro idealismo. Mas como no belo, que é causa do amor, havia, em seu entender, dois elementos, a linha e a sedução — e como tudo isto só diz respeito à linha —, a sedução para ele, pelo menos nessa noite, foi o vermelho.

A seus olhos, a Fanfarlo aliava a linha à sedução; e quando a olhava, sentada à beira da cama, despreocupada e gozando a calma vitoriosa da mulher amada, as mãos delicadamente pousadas sobre ele, parecia-lhe estar a ver o infinito, por detrás dos olhos claros dessa beldade, e que, aos poucos, também os seus planavam sobre horizontes imensos. Mesmo se normalmente, como acontece aos homens excepcionais, se refugiava sozinho no seu próprio paraíso, onde ninguém podia coabitar com ele; e se, por acaso, ele a raptava e quase a forçava a acompanhá-lo, nesse paraíso, ela arrastava os pés e resistia: foi assim que, no céu onde reinava, começou a entristecer-se,



doente da doença da melancolia do azul, como um solitário real.

Apesar disso, nunca se cansava dela; ao sair do seu reduto amoroso, no ar fresco da manhã, e ao pisar com leveza as pedras do passeio, nunca ele sentiu esse prazer egoísta do charuto e das mãos nos bolsos, de que fala algures o nosso grande romancista moderno\*.

Se não tinha coração, Samuel tinha uma inteligência nobre e, em vez de ingratidão, o prazer trazia uma espécie de contentamento amoroso, de deleite sensual, que talvez valha mais do que o amor, tal como é geralmente entendido pelo vulgar. Aliás, a Fanfarlo tinha-se excedido e dispensado as suas hábeis carícias, havendo-se apercebido de que o homem valia o esforço: acostumara-se à sua linguagem mística, matizada de impurezas e de cruas enormidades. O que para ela possuía, pelo menos, o atractivo da novidade.

A paixão da dançarina provocou um escândalo. Verificaram-se algumas interrupções nos seus

\* O autor de *La fille aux yeux d'or*.

espectáculos; negligenciou as repetições; muita gente invejava Samuel.

Uma noite em que o acaso, ou o tédio do Sr. de Cosmelly ou uma rede de astúcias montada por sua mulher, os tinha reunido à lareira depois de um desses longos silêncios que se obeservam nos casais que não têm mais nada para se dizer e têm muito a esconder, depois de lhe ter preparado o melhor chá domundo, servido num bule modestissimo e já muito rachado, que talvez fosse ainda do tempo do castelo da sua tia, depois de ter cantado ao piano alguns trechos duma música que estivera em voga dez anos antes, disse-lhe com a voz doce e prudente da virtude que se quer tornar amável e teme assustar o objecto da sua afeição, que ela muito o lamentava, que tinha chorado muito, mais por ele que por ela; que ela teria preferido, na sua resignação toda feita de submissão e de desvelo, que ele, ao menos, encontrasse junto de outra o amor que deixara de lhe pedir; que vê-lo enganado lhe tinha causado mais pena do que ver-se a si própria abandonada; que, aliás, tinha culpa no sucedido, porque se desleixara nos seus deveres de meiga esposa, não o advertindo dos perigos que ele



corria; que além do mais, estava disposta a fechar essa ferida sangrenta e a procurar reparar sozinha uma imprudência cometida a dois, etc...., — e todas as palavras melífluas sugeridas pela astúcia que a ternura autoriza. Ela chorava e chorava convicentemente; o lume da lareira iluminava as suas lágrimas e os seu rosto embelezado pela dor.

O Sr. de Cosmelly não disse uma palavra e saiu. Os homens apanhados a tropeçar nas suas próprias faltas, não gostam de ofertar a clemência com os seus remorsos. Se, por acaso, foi a casa da Fanfarlo, encontrou, sem dúvida, vestígios de desordem, pontas de cigarro e folhas de jornal.

Uma manhã, Samuel foi acordado pela voz traquinas da Fanfarlo, e levantou lentamente a cabeça cansada da almofada em que repousava para ler uma carta que ela lhe entregara:

“Obrigada, Senhor, mil vezes obrigada; a minha felicidade e o meu reconhecimento vos serão creditados noutra mundo melhor. Eu aceito. Tiro-vos o meu marido das mãos, e levo-o esta noite comigo para as nossas terras de C\*\*\*, onde espero reencontrar a saúde e

a vida que vos devo. Receba, Senhor, a promessa duma eterna amizade. Sempre o achei demasiado honesto para preferir uma amizade a qualquer outra recompensa.”

Samuel espojado em rendas, e apoiado sobre os mais frescos e belos ombros que se possam ver, sentiu vagamente que fora enganado, e foi a custo que conseguiu reconstituir na sua memória os elementos da intriga a que ele mesmo tinha dado o desenlace; mas respondeu a si próprio tranquilamente: Haverá mesmo sinceridade nas nossas paixões? Quem poderá saber, ao certo, o que quer, e conhecer exactamente o barómetro do seu coração?

“Que estás para aí a dizer? o que é isso? quero ver, diz a Fanfarlo.

— Ah!, não é nada, disse Samuel. É uma carta escrita por uma mulher honesta a quem prometi que haverias de me amar.

— Hás-de pagar-mas”, disse ela entre dentes.

É provável que a Fanfarlo tenha amado Samuel, mas de um amor que poucos experimentaram, por ter em si um fundo de ressentimento. Pelo seu lado, Samuel foi castigado com o seu



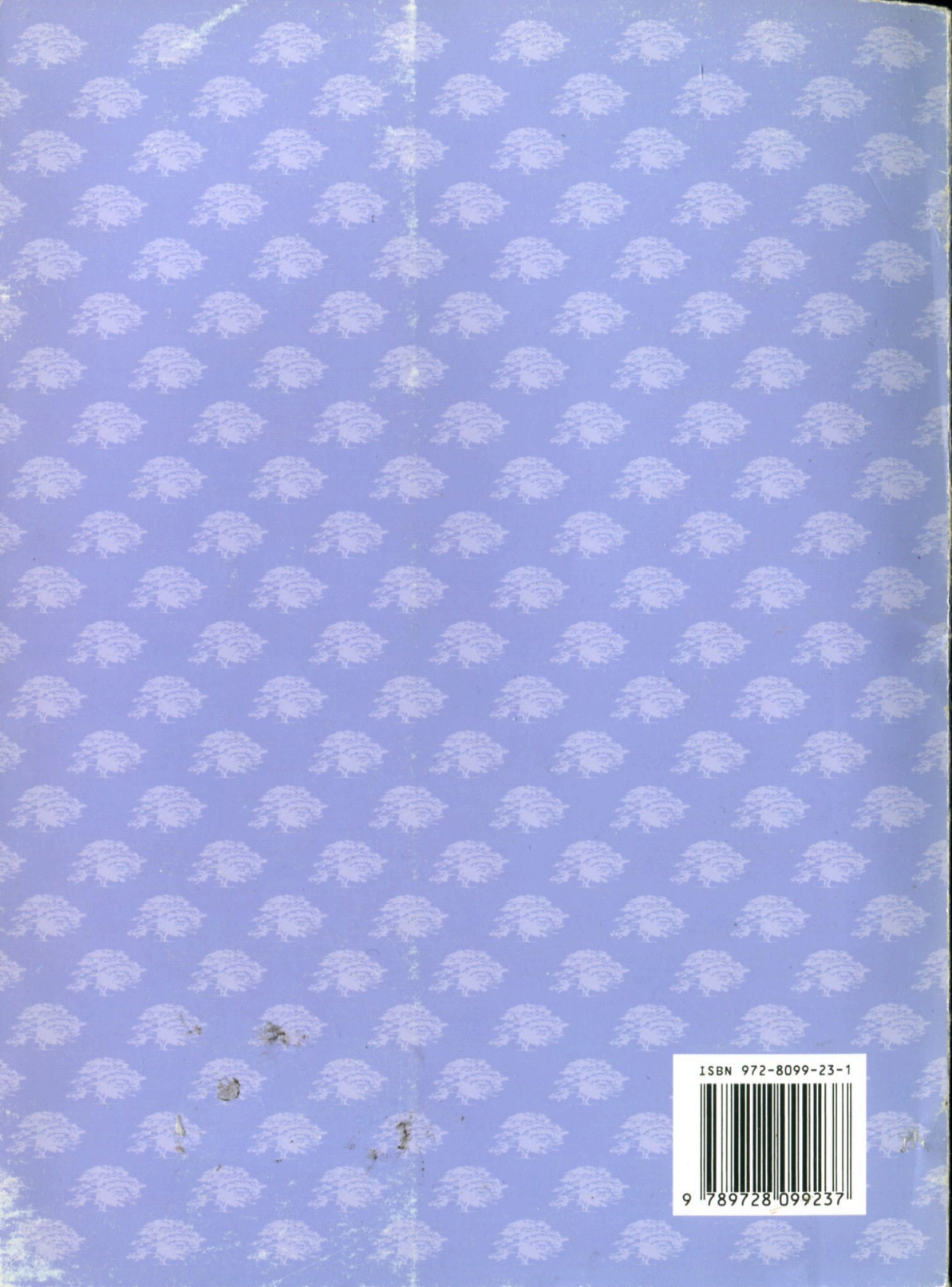
próprio pecado. Muitas vezes fingira estar apaixonado: agora, estava realmente apaixonado; obviamente que não lhe foi dado viver um amor tranquilo, calmo e forte, como só as raparigas de boa formação inspiram, mas um amor terrível, desolador e vergonhoso, o amor doentio das cortesãs. Conheceu todas as torturas do ciúme, o rebaixamento e a tristeza em que nos lança a consciência de um mal incurável e constitutivo — numa palavra, todos os horrores desse casamento vicioso a que se chama concubinação.

Ela, pelo seu lado, torna-se, cada dia que passa, mais gorda; tornou-se uma belezona, anafada, limpa, lustrosa e matreira, uma espécie de puta fina ministerial. Um destes dias, confessar-se-á e comungará na Páscoa, sem esquecer de oferecer à paróquia o folar da efeméride. Talvez, então, Samuel, morto de trabalho, já esteja debaixo da terra, pregado sob a chapa, como costumava dizer nos bons velhos tempos, e a Fanfarlo, com os seus ares de cónega, dê a volta à cabeça de um jovem herdeiro. Enquanto não chegam lá, ela aprende a fazer filhos; acaba de dar à luz, com êxito, um par de gémeos. Samuel pariu entretanto quatro livros

científicos: um livro sobre os quatro evangelistas, outro sobre o simbolismo das cores, um relatório sobre o novo sistema de anúncios, e um quarto, de que não me quero lembrar do título. O que há de mais fabuloso neste último livro, é ter imensa inspiração, estar cheio de energia e repleto de curiosidades. Teve a audácia de lhe pôr como epígrafe: *Auraci sacra fames!*. A Fanfarlo quer que o seu amante seja do Instituto, e intriga junto do Ministério para que lhe seja atribuída uma condecoração.

Pobre do cantor das *Orfraies!* Pobre Manuela de Monteverde! Desceu bem baixo. Soube recentemente que lançara um jornal socialista e que queria meter-se na política. Inteligência desonesta!, como diz o honesto Sr. Nisard.





ISBN 972-8099-23-1



9 789728 099237